

A CRÍTICA  
LITERÁRIA  
FEMINISTA  
IBERO-AMERICANA  
E SUAS DIÁSPORAS

## **Conselho Editorial**

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra

Alice Áurea Penteadó Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas – PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof – ULBRA/Canoas

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarelha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche – CAP- UERJ

Sara Reis da Silva – Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO  
ALGEMIRA DE MACÊDO MENDES  
BRIGIDA MANUELA PASTOR  
ELIANE DO AMARAL CAMPELLO  
(ORGANIZAÇÃO)

A CRÍTICA  
LITERÁRIA  
FEMINISTA  
IBERO-AMERICANA  
E SUAS DIÁSPORAS

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A crítica literária feminista ibero-americana e suas diásporas /  
organização Alexandra Santos Pinheiro...[et al.]. – Campinas,  
SP : Mercado de Letras, 2024.

Vários autores.

Outros organizadores: Algemira de Macêdo Mendes, Brígida  
Manuela Pastor, Eliane Terezinha do Amaral Campello.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-853-1

1. América - Literaturas - História e crítica
  2. Crítica literária
  3. Feminismo
  4. Literatura brasileira
  5. Literatura espanhola
  6. Literatura portuguesa
- I. Pinheiro, Alexandra Santos.  
II. Mendes, Algemira de Macêdo. III. Pastor, Brígida Manuela.  
IV. Campello, Eliane Terezinha do Amaral.

24-230978

CDD-801.95

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crítica literária 801.95

*capa:* Studio Rotta Design Gráfico

*gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*revisão final:* dos autores

*bibliotecária:* Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-lettras.com.br](http://www.mercado-de-lettras.com.br)

[livros@mercado-de-lettras.com.br](mailto:livros@mercado-de-lettras.com.br)

1ª edição

**2024**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	9
<i>Cecil Jeanine Albert Zinani</i>	
APRESENTAÇÃO .....	13
REVISITAÇÃO E ANÁLISE DE ÀS MULHERES PORTUGUESAS DE ANA DE CASTRO OSÓRIO .....	21
<i>Pedro d'Alte</i>	
ANA LUÍSA AMARAL: DISSONÂNCIAS E REPRESENTAÇÃO FEMININA, CORPO E ALMA EM ARA .....	39
<i>Adriana Spinelí Lucena Soares, Elizete Albina Ferreira</i>	
CARTOGRAFÍA EN EXPANSIÓN: LA CRÍTICA LITERARIA FEMINISTA DE BERTA LUCÍA ESTRADA ESTRADA .....	61
<i>Lilibeth Zambrano, Antonio Donizeti da Cruz</i>	
CIDINHA DA SILVA: MEMÓRIAS DA LUTA ANTIRRACISTA NO BRASIL PÓS-DITADURA .....	83
<i>Clarice Goulart</i>	
LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E ESCRIVIVÊNCIA: DUAS ELUCIDAÇÕES DE CONCEIÇÃO EVARISTO .....	101
<i>Paulo Henrique Pressotto</i>	

A HISTORIOGRAFIA FEMINISTA DE RESGATE DE ELÓDIA XAVIER . . . . .	119
<i>Carlos Magno Gomes</i>	
HELENA PARENTE CUNHA E SUAS FACETAS ENSAÍSTICAS . . . . .	143
<i>Alexandra Santos Pinheiro</i>	
ESCRITURA CRÍTICA E AMPLITUDE ÉTICA NA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DE HELOISA TEIXEIRA . . . . .	161
<i>Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza, Lourdes Kaminski Alves</i>	
INOCÊNCIA MATA: TRADUÇÕES E TRAVESSIAS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO. . . . .	193
<i>Michele Freire Schiffler</i>	
JULIETA PAREDES E O FEMINISMO COMUNITÁRIO . . . . .	209
<i>Lucilene Machado Garcia Arf</i>	
ARQUEOLOGÍA DEL YO Y FEMINISMO ESCRITURAL: EL CASO DE LAURA FREIXAS . . . . .	229
<i>Brígida M. Pastor</i>	
MARÍA ROSA LOJO E A REVISÃO DO CÂNONE ARGENTINO. . . . .	245
<i>Fernanda Aparecida Ribeiro, Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari</i>	
LA CRÍTICA PALIMPSÉSTICA Y MULTIMODAL DE NELLY RICHARD . . . . .	261
<i>Ceire Broderick</i>	
CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA NO BRASIL: A PRESENÇA DE NORMA TELLES . . . . .	285
<i>Eliane Terezinha do Amaral Campello, Rosana Cássia dos Santos</i>	

A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE E A CRÍTICA FEMINISTA: O PENSAMENTO DE RITA LAURA SEGATO . . . . .	305
<i>Geovana Quinalha de Oliveira,</i> <i>Marta Francisco de Oliveira</i>	
“CONTINUO PRETA”: A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM SUELI CARNEIRO . . . . .	339
<i>Paulo Petronilio Petrot</i>	
SOBRE ORGANIZADORAS, AUTORAS E AUTORES . . . . .	369





## PREFÁCIO

Os textos escritos por mulheres, ainda que proviessem de tempos imemoriais, demoraram muito para serem incorporados ao acervo literário, por razões não apenas sobejamente elencadas como intensamente discutidas. Os argumentos iniciavam, invariavelmente, com a minoridade do “segundo sexo”, que, de acordo com Beauvoir, é sempre “o outro”, culminando com a benevolência com que deviam ser tratados os caprichos literários das “senhoras”. A reversão desse quadro iniciou, entre outros fatores, pela qualificação do acesso à educação, até então muito precária, restrita a rudimentos de leitura e escrita, elementos de economia doméstica e desenvolvimento de comportamentos sociais adequados. Os novos conhecimentos possibilitaram que o impulso para a escrita encontrasse os meios expressivos adequados, permitindo a realização literária. Outro aspecto considerável foi a conquista de direitos civis que viabilizou às mulheres a ocupação de espaços compatíveis com sua relevância enquanto seres humanos integrantes de uma comunidade. Esses, além de vários outros elementos, contribuíram para que, na contemporaneidade, escritoras estejam em lugares de destaque em associações significativas, como foi o caso de Nélide Piñon, que se tornou presidente da Academia Brasileira de Letras, lembrando que a mesma agremiação havia preterido, em sua fundação, autoras de grande prestígio, como Júlia

Lopes de Almeida; ou sendo agraciadas com honrarias, a exemplo do Prêmio Nobel, recebido pela chilena Gabriela Mistral, além de uma plêiade de autoras notáveis.

Em decorrência do protagonismo feminino, ocorreu um alentado movimento acadêmico, constituído por projetos de resgate e de crítica, que recuperou não apenas autoras totalmente esquecidas, mas também obras há muito esgotadas. Esse movimento iluminou um acervo desconhecido para as gerações atuais, viabilizando novas edições, as quais se tornaram objeto de estudo e apreciação. A partir do conhecimento desse novo conjunto de produção literária, organizou-se um aparato teórico adequado ao estudo dessas obras e às suas condições de produção e recepção. Inicia-se, dessa maneira, uma nova fase da crítica, a crítica literária feminista, com repercussões muito importantes no sentido de possibilitar uma reavaliação do cânone literário, cujo corolário é a renovação da história da literatura.

Um trabalho arqueológico muito valioso para a crítica feminista foi realizado por um expressivo grupo de pesquisadoras pertencentes a diversas universidades, liderados pela saudosa Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zahidé Lupinacci Muzart, o qual trouxe à luz um conjunto de escritoras que estavam condenadas ao ostracismo. O resultado desse trabalho constitui a obra *Escritoras brasileiras do século XIX*, publicada em parceria entre a Editora Mulheres (sob a direção de Zahidé Muzart) e a Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edunisc, nos dois primeiros volumes), em três volumes, nos anos de, respectivamente, 1999, 2004 e 2009, perfazendo mais de 3.000 páginas e estudando mais de 150 escritoras. Além das autoras, a obra comporta, também, uma rica antologia ilustrativa de seus processos criativos.

Essa obra organizada por Muzart é extremamente relevante para a historiografia literária, tendo em vista que, além do conhecimento de um novo acervo, possibilita uma reavaliação do lugar das escritoras na história literária tanto no aspecto quantitativo, quanto no qualitativo. Sacramento Blake, ainda no século XIX, fez

um levantamento minucioso, embora se questionem os critérios, citando em seu *Dicionário Bibliográfico*, em torno de 50 escritoras, enquanto o grande crítico brasileiro, Sílvio Romero, no mesmo século, menciona apenas sete, ignorando figuras expressivas de sua época como Júlia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. A própria Lúcia Miguel-Pereira, na obra *História da literatura: prosa de ficção – de 1870 a 1920 –*, destaca, somente, Júlia Lopes de Almeida, num capítulo intitulado, sugestivamente, “Sorriso da sociedade”. Dicionários bibliográficos mais contemporâneos, como *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho, publicado em 2002, estendendo-se de 1711 a 2001, elenca um total de 1401 verbetes. Na mesma esteira, seguem outras obras, com objetivos semelhantes, que contribuem significativamente para a escrita de uma nova história literária.

Além da (re)descoberta de autoras e obras que haviam sido publicadas e feito sucesso junto ao público leitor, como atestam as diversas edições impressas, as quais estavam relegadas ao esquecimento por não terem sido referendadas pela academia e por estudos críticos correspondentes, essa nova crítica possibilitou a realização de outros desdobramentos. Um dos desdobramentos a ser considerado consiste na análise da representação da mulher em obras de autoria masculina, na perspectiva da recepção do texto pela mulher, atentando para a constituição da leitora. Nesse aspecto, é fundamental considerar que o sujeito histórico possa processar a interpretação, questionando a construção implícita no texto. Ler como ser constituído no gênero implica a percepção das diversas camadas textuais, observando-se a presença de modalidades significativas superpostas: uma escrita manifesta que encobre a que se encontra subjacente. A leitura da camada latente permite entrever elementos com níveis de significação muito diversos. Aqueles aspectos que, na primeira camada, podem ser positivos para o imaginário masculino, não mantém, necessariamente, o mesmo sentido quando lidos por uma mulher. Esse é um dos aspectos primordiais da crítica feminista.

Dessa maneira, cabe enfatizar a importância dos estudos críticos feministas, tendo em vista seu potencial transformador da cultura literária, ordenada por valores que definem as experiências peculiares das diferentes mulheres, considerando sua posição enquanto sujeito do processo histórico e da palavra autoral.

A relevância da presente obra se insere na ampliação dos horizontes da crítica literária feminista, uma vez que examina aportes críticos de autoras de diversos países, pertencentes à comunidade ibero-americana, propondo um mapeamento da crítica contemporânea, constituindo-se em valiosa contribuição para os estudos feministas.

*Cecil Jeanine Albert Zinani*

## APRESENTAÇÃO

Um grupo de pesquisa se constitui por sua diversidade de olhares acerca de um mesmo objeto. Assim atuam as/os componentes da “Crítica feminista e autoria feminina: memória, cultura e identidade”. Somos de diferentes instituições brasileiras e estrangeiras, nos comunicamos a partir da mescla do português com o espanhol, partilhamos há quatro anos os encontros mensais de estudo, cercadas/os por teorias, temáticas e autoras/es que vão se encontrando em um mesmo espaço de pesquisa: o da crítica literária feminista, cada qual com suas subjetividades, suas histórias de valentia e de resistência.

Neste movimento de demarcar nossas identidades comuns, iniciamos um projeto de visibilidade às estudiosas do contexto Ibero-americano. Tecemos reflexões críticas acerca do lugar e da história das mulheres a partir das individualidades que nos cercam. Nossos olhares consideram o patriarcado, a opressão religiosa, a colonização, as múltiplas etnias e economias que formam o imaginário das mulheres ibero-americanas. Em 2023, lançamos o primeiro resultado deste projeto, o livro *A Crítica literária feminista Ibero-americana: perspectivas transatlânticas*. Este conta com a colaboração de dezenove pesquisadoras/es que se debruçaram sobre a contribuição que Lélia Gonzalez; Alicia Puleo; Rita Terezinha Schmidt; Cèlia Amorós Puente; Ana de Miguel; María

Lugones; Luz Mary Giraldo; Grada Kilomba; Sophia de Mello Breyner Andresen; Zahidé Muzart; Maria Teresa Horta; Yuderkys Espinosa-Miñoso e Rosario Castellanos deixaram para a crítica feminista. Para costurar essas vozes investigativas, a obra contou com o prefácio de Lúcia Zolin.

No processo de organização e de publicação, a incompletude dos nomes evidenciados inquietou o grupo que, na sequência ao lançamento, iniciou a organização deste que denominamos de segundo volume do projeto. Reconhecemos aqui as estudiosas que revisitam a historiografia e a crítica feminista francesa, inglesa e norte-americana tendo como referencial suas próprias identidades. Para este volume, acrescentamos o conceito de diáspora, com o fim de contemplar as críticas que se deslocaram de seu lugar de origem durante suas carreiras profissionais. Ainda que dispersas, geograficamente, reconhecemos em sua escrita a força das identidades de seus países de nascimento. A obra *A crítica literária feminista Ibero-americana e suas diásporas*, portanto, dá continuidade ao projeto inicial e, amparada pela contribuição de vinte investigadoras/es, traz os nomes de quinze estudiosas contemporâneas, apresentadas a seguir em ordem alfabética: Ana de Castro Osório; Ana Luisa Amaral; Berta Lucía Estrada; Cidinha da Silva; Conceição Evaristo; Elodia Xavier; Helena Parente Cunha; Heloisa Buarque de Holanda; Inocência da Mata; Julieta Parede; Laura Freixas; María Rosa Lojo; Nelly Richard; Norma Telles; Rita Segato e Sueli Carneiro. Literatas, professoras universitárias, militantes, essas estudiosas se dedicaram a temas que ainda insistiam/insistem em limitar as escolhas das mulheres.

A coletânea inicia com o prefácio da professora doutora Cecil Zinani. Referência nos estudos da crítica feminista, ela tece as palavras inaugurais, atreladas à coerência da temática da obra e das leituras que marcam o pensamento da estudiosa. Em relação aos capítulos, o primeiro traz a participação do professor doutor Pedro d'Alte, da Universidade Politécnica de Macau, que se dedica à contribuição da portuguesa Ana de Castro Osório. Mulher e

feminista, Osório participou da vida cívica e política em prol da educação da criança, da emancipação da mulher e da adoção de um sistema político republicano. Em seu capítulo, o professor revisita o manifesto feminista da estudiosa e explicita as principais coordenadas ideológicas presentes no texto, contextualizando a linha de pensamento e de ação de Osório.

Também para o contexto português olham as pesquisadoras doutoras Adriana Spinati Lucena Soares e Elizete Albina Ferreira, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, ao escolherem escrever acerca de Ana Luisa Amaral. A análise destaca Amaral como militante das causas feministas e mostra a sua relevância para o debate crítico desse campo. As questões de Poéticas Comparadas, Estudos Feministas e Teoria Queer são identificadas nas poesias, no teatro, no romance, no ensaio e na literatura infantil de Amaral, gerando um arcabouço representativo da experiência feminina. De Portugal vamos para a Colômbia, com o fim de analisar a contribuição de Berta Lucía Estrada a partir do olhar do professor doutor Antonio Donizete Cruz, da Unioeste e da professora doutora Lilibeth Zambrano, da Universidad de los Andes. O capítulo expõe o discurso crítico da escritora colombiana e seu posicionamento em torno das formas de reconhecer as práticas escritas de autoria feminina. Os exercícios interpretativos e os modos de leitura abertas e tendenciosas de Estrada dão conta das transformações e inflexões nos textos de autores de “todos os tempos”: não reconhecidos, não lidos ou não avaliados.

O pensamento da brasileira Cidinha da Silva é analisado pela doutora Clarice Goulart, da Universidade Federal da Grande Dourados. O capítulo identifica as múltiplas frentes de atuação de Cidinha: escritora – seja de ficção ou de não ficção – e editora independente. Goulart valoriza a contribuição da escritora nas edições mais recentes da Flip; na posição de jurada de prêmios literários como o Jabuti; de pesquisadora de políticas públicas de incentivo à educação; de historiadora atuante nos debates sobre movimento negro, direitos humanos e letramento racial no país.

Cidinha da Silva é também doutora em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia, cronista e, por fim, personagem basilar na história do Instituto Geledés.

Conceição Evaristo, por sua vez, recebe o olhar do professor doutor Paulo Pressotto, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. O capítulo apresenta a escrita não ficcional de Evaristo, focando as definições do termo “escrivência” e como essa maneira de escrever está presente em várias autoras negras da literatura afro-brasileira. O professor reflete também acerca dos sentidos de uma literatura baseada na observação e na vivência de sua autora, abrangendo a representação e a auto-representação das mulheres negras na literatura brasileira. Já o olhar do professor doutor Carlos Magno, da Universidade Federal do Sergipe, se volta para Elodia Xavier. Duas contribuições são destacadas pelo professor: a revisão dos romances de Júlia Lopes de Almeida e a inserção de Alina Paim no sistema literário. A obra de Xavier é considerada, na apreciação do professor, como uma historiografia de resgate, com visão crítica e política.

A professora, ensaísta e escritora literária Helena Parente Cunha é contemplada pelo olhar da pesquisadora doutora Alexandra Santos Pinheiro, da Universidade Federal da Grande Dourados. Cunha é analisada pelo conjunto de seus ensaios, que mergulha nos mecanismos de construção discursiva para defender que há um imaginário de gênero alimentado continuamente a partir dos discursos patriarcais. Por sua vez, as professoras doutoras Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza e Lourdes Kaminski Alves, respectivamente professoras da Universidade Estadual de Londrina e da Unioeste, escrevem acerca da contribuição de Heloisa Teixeira (Heloisa Buarque de Holanda). A estudiosa é vista como uma importante voz da intelectualidade feminina brasileira na área das humanidades, com ênfase em sua atuação política no âmbito das Letras e da Teoria Crítica da Cultura.

Inocência da Mata é estudada pela professora doutora Michele Freire Schiffler, da Universidade Federal do Espírito Santo.



Para ela, Inocência da Mata propõe um pensamento crítico acerca de processos de violência colonial sistêmica que continuam a operar no campo da cultura e da literatura, como ocorre em especial com as literaturas africanas produzidas nos cinco países de língua oficial portuguesa. Sua vivência entre África e Portugal permite que Mata construa questionamentos aos paradigmas de conhecimento que continuam perpetrando realidades e reproduzindo perversidades. Julieta Parede, por sua vez, dá sentido ao capítulo escrito pela professora doutora Lucilene Machado Garcia Arf, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. A atuação de Parede no movimento feminista comunitário e sua atuação como uma voz proeminente na luta por igualdade de gênero e justiça social são os elementos destacados neste estudo.

O papel de Laura Freixas como referência inquestionável do feminismo espanhol contemporâneo é destacado no capítulo da professora doutora Brígida Pastor, da Universidade Nacional à Distância de Madri. A análise revela os esforços de Freixas para alcançar uma identidade verdadeiramente feminina e feminista. O estudo inclui uma análise geral da escrita de Freixas, de sua experiência de vida e de suas características literárias, mostrando a principal preocupação que domina suas obras: as mulheres e a luta por si mesmas. As professoras doutoras Fernanda Aparecida Ribeiro, da Universidade Federal de Alagoas e Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari, da Universidade Estadual Paulista de Assis, direcionam seus olhares para a crítica argentina María Rosa Lojo. Para as estudiosas, Lojo opera uma revisão crítica da história da identidade argentina e de seus mitos fundacionais, marcados pelo colonialismo e logocentrismo eurocêntrico, questionando o discurso fundador dessa cultura, apoiado no binômio maniqueísta civilização *versus* barbárie.

Céire Broderick, professora doutora do departamento de estudos latinos da Universidade de Cork, Irlanda, analisa a atuação da crítica Nelly Richard. Na perspectiva de Broderick, a obra de Richard oferece uma reflexão profunda e prolongada

sobre o nosso mundo atual, priorizando as refrações opacas e os fragmentos que vivem entre as fissuras dos discursos (políticos-culturais-acadêmicos) e das ações que destacam as experiências vividas, mesmo que estas não coincidam com elas. A brasileira Norma Telles é referenciada no capítulo assinado pelas professoras doutoras Eliane do Amaral Campello [Universidade Federal do Rio Grande] e Rosana Cássia dos Santos [Universidade Federal de Santa Catarina]. No estudo, Telles é valorizada, na medida em que recupera obras relevantes da história das mulheres escritoras do século XIX. Essas devem servir de exemplo e estímulo às literatas posteriores ao conquistarem seu espaço no âmbito da escritura, o que vem representado pela expressão conhecida por “autor+a”.

O penúltimo capítulo desta coletânea traz a contribuição de Rita Segato. As professoras doutoras Geovana Quinalha de Oliveira e Marta Francisco de Oliveira, ambas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, analisam as pesquisas de Segato acerca da prática de um pensamento essencialmente decolonial e aberto ao diálogo. Enfatizam, ainda, a metodologia de seu trabalho, voltada para a proximidade do sujeito acerca de quem se fala. O professor Paulo Petronilio Petrot, da Universidade de Brasília, encerra a coletânea com o capítulo dedicado à pensadora Sueli Carneiro. Para o professor, Carneiro foi uma intérprete do Brasil ao enfatizar, dentre outros temas, o da negritude e dispositivo de racialidade.

Reunidos, estes capítulos/olhares/subjetividades compõem a coletânea *A crítica literária feminista Ibero-americana e suas diásporas*. A crítica literária feminista e sua projeção na literatura combina a exclusão e a marginalização que as mulheres experimentaram ao longo da história com outros eixos. Aderindo às contribuições de Lillian Robinson, é necessário representar a tradição literária para recuperar o lugar que foi usurpado não só pelo sexo feminino, mas também por classes, raças, culturas marginalizadas, grupos, minorias sexuais e posições ideológicas (cf. Robinson 1987). Fica evidente a intensa conexão com outros eixos e áreas do conhecimento, uma vez que a literatura é o espaço onde se dá a

construção ideológica de gênero e, portanto, considera tarefa da crítica literária feminista demonstrar como os textos constituem gênero em formas específicas de classe e raça e como essas representações se relacionam com uma rede maior de discursos em diferentes momentos da história (cf. Weedon 1989).

Esta relação fecunda não pode ignorar a especificidade que o adjetivo “literário” representa. Embora não possa ser claramente definido entre crítica feminista e crítica literária feminista, também não se pode presumir que sejam idênticas. Neste sentido, a crítica literária feminista é definida pela sua preocupação com a linguagem, com as ideologias e práticas sociais que moldam os textos, com a sua capacidade de representar o gênero e com as forças de resistência que permitem a desconstrução da escrita dominante masculina.

Assim como o primeiro volume, esperamos que esta coletânea nos permita direcionar nossos olhares teóricos para as pensadoras da crítica feminista que projetaram suas ideias a partir desse lócus enunciativo: língua, geografia, identidade ibero-americana.

### *Referências*

- ROBINSON, Lillian, S. “Canon Fathers and Myth Universe.” *New Literary History*, 19/1, 1987, pp. 23-35.
- WEEDON, Chris. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. Blackwell, 1998.